
O discurso de memória em textos autobiográficos de Primo Levi

The speech of memory in the autobiographical texts of Primo Levi

Gabriel ARAÚJO¹

Rogério BORGES²

RESUMO

O presente artigo debate o discurso de memória dentro dos textos biográficos do escritor ítalo-judeu Primo Levi, um dos autores mais conhecidos pelas obras testemunhais que produziu acerca dos horrores da Segunda Guerra Mundial. Levando em consideração o livro *É Isto Um Homem?*, publicado originalmente na Itália em 1947 e que descreve o caminho percorrido pelo autor em um dos campos de concentração mantidos pelo Governo Alemão, o artigo trabalha o caminho de desconstrução humana do próprio protagonista da narrativa, trabalhando a divergência da construção e desconstrução da personagem. Por ser uma autobiografia, o autor estabelece um parâmetro mais incomum para o gênero, uma vez que reconhece as lacunas e as omissões cometidas no relato, que no final objetiva demonstrar como a humanidade pode ser extirpada via sofrimento, mesmo o do dono da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: autobiografia; Primo Levi; testemunho; personagem

ABSTRACT

This article discusses the memory speech within the biographical texts of the Italian-Jewish writer Primo Levi, an author best known for his works about the time living the horrors of World War II. Taking into account the book *Is This A Man?*, originally published in 1947 Italy, which describes the path taken by the author in one of the concentration camps maintained by the German Government, the article deals with the human deconstruction lived by the protagonist of the narrative, working on the divergence between the construction and deconstruction of the character. As an autobiography, the author establishes a more unusual parameter for the genre, since it recognizes the gaps and omissions committed in the final objective is to demonstrate how humanity can be extirpated through suffering, even that of the owner of the narrative.

KEYWORDS: autobiography; Primo Levi; a testimony; character

1. Introdução

O presente trabalho foi iniciado com o objetivo de contribuir com as discussões acerca de dois dos mais antigos gêneros da escrita humana, a biografia e a autobiografia. Tais gêneros são considerados híbridos e estão intimamente ligados a diferentes disciplinas das ciências

sociais. A historiografia, as análises da linguagem e os estudos da memória são somente alguns que citarei no decorrer deste trabalho. Partindo da história destes textos, com suas obras iniciais ainda na Grécia e Roma antigas (BAKHTIN, 2002), além da definição que diferentes disciplinas dão a estes gêneros, vamos procurar intimamente suas semelhanças e diferenças, como seus personagens são construídos e, principalmente, as formas com que são escritos. Traremos autores de diferentes áreas para nos ajudar a entender como são elaborados esses textos, seja para discutir os procedimentos de controle e exclusão do discurso (FOUCAULT, 2012) ou as narrativas da memória (RICOEUR, 2014).

Após essas análises, buscaremos entender a construção de seus personagens e responder algumas questões acerca de sua formação. O que diferencia um personagem escrito a partir da memória, das suas próprias experiências de vida, como aquele que o escritor ítalo-judeu Primo Levi descreve em seus trabalhos testemunhais sobre o Holocausto judeu promovido pelos nazistas de um relato que foi pesquisado e escrito por um jornalista ou historiador? Para esse cotejamento, levamos em consideração o livro *É Isto Um Homem*, de Primo Levi (1988), publicado originalmente em 1947. Este autor produziu textos autobiográficos sobre o período em que foi prisioneiro no campo de concentração de Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial.

2. Biografias

O gênero biográfico está entre os mais antigos da história humana, com textos datados do século IV antes de Cristo. Posteriormente, o filósofo grego Plutarco (46 d.C. – 120 d.C.) foi responsável pela escrita da mais importante coletânea de textos biográficos de seu tempo, os 46 excertos de *Vidas Paralelas*, do grego Βίοι Παράλληλοι, que falam sobre ilustres personagens históricos, como dois dos principais construtores de impérios, Júlio César e Alexandre, O Grande. No Brasil o gênero vem, a partir das últimas décadas, aumentando em número de produções e publicações, tornando-se um dos mais importantes do mercado editorial brasileiro. Apesar disso, as publicações e discussões a respeito dos textos biográficos no país ainda são escassas e os que existem, geralmente, decorrem de estudos conduzidos por historiadores.

¹ Acadêmico do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Bolsista de Iniciação Científica no projeto de pesquisa *A Memória e a História na Escrita do Si e do Outro nos Gêneros Biográficos e Autobiográficos*, do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Produção de Sentidos, da PUC Goiás. E-mail: gabri1910@outlook.com

² Orientador do trabalho. Professor Adjunto do Curso de Jornalismo da PUC Goiás e coordenador da pesquisa *Memória e a História na Escrita do Si e do Outro nos Gêneros Biográficos e Autobiográficos*, do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Produção de Sentidos, da PUC Goiás. E-mail: rogeriopereiraborges@gmail.com

Infelizmente, estudos sobre biografias ainda são ocasionais. Iniciativas isoladas tangem essa modalidade apenas como parcela secundária ou complementar de pesquisas sem se deterem, por exemplo, nos milhões de leitores interessados no gênero, nos méritos e nas fraquezas dos biógrafos, nas interpretações conflitantes dadas a uma mesma pessoa, nos limites e nas possibilidades desse campo vasto e extraordinário. Uma história das biografias também está para ser contada. (BOAS, 2008, p. 19).

Dado esse contexto, é necessário que busquemos entender, com mais afinco e disciplina, do que realmente se trata o gênero biográfico, em suas mais diferentes abordagens, e as razões que esclareçam as muitas formas de seu aparecimento e constituição. Uma forma de começar a trazer esse debate à tona é o estabelecimento de uma linha histórica acerca destes gêneros. O gênero biográfico nasceu da vontade humana de contar as próprias histórias, mas foi somente cerca de 2.500 anos atrás que o interesse por tal atividade se acentuou.

As soon as we turn to the fourth century, the change is obvious. We no longer have to explore remote corners to find evidence of interest in biography and autobiography. We no longer have to ask why the contemporaries of great Greek men were so littler interested in them. The evidence for interest in biography and autobiography becomes abundant and permeates all aspects of literature. (MOMIGLIANO apud LIMA, 2012, p. 43)³

De acordo com Lima (2012), o gênero biográfico se desenvolveu mantendo uma relação de proximidade com diversas disciplinas, mas já no século V a.C, não era mais considerada história: "No entanto, para elaborar uma obra historiográfica, é necessário levar em conta a presença do indivíduo nos acontecimentos históricos. E, ao inseri-lo ou tratá-lo, a historiografia grega tomava o indivíduo como símbolo de um todo" (p. 69). Um todo que ganhou autonomia e força.

Biography and autobiography began on their own and developed on parallel lines to political history: they were never submerged in it. The separation between biography and history (which meant political history) was theorized in the Hellenistic period, but was already a reality in the fifth century. (MOMIGLIANO apud LIMA 1993, p. 109)⁴

De acordo com Momigliano, foram os filósofos socráticos que iniciaram as investidas em textos com características comumente relacionadas à biografia e autobiografia. Segundo Albrecht, citado por Lima, "a ideia era apresentar personagens e caráter em função de determinadas circunstâncias, evidenciando diferentes comportamentos e formas de pensar". Portanto, o foco passou de um relato histórico para uma abordagem psico-filosófica dos indivíduos retratados nos textos, algo mais próximo do que conhecemos hoje. Para Lima (2012,

p. 71), foi somente com a virada do século V antes de Cristo para o IV, que as pessoas passaram a esperar esse tipo de comprometimento por parte dos autores. “They wanted information about the education, the love affairs, and the character of their heroes.”⁵ (MOMIGLIANO apud LIMA, 2012, p. 56-7).

É fundamental a influência grega na formação das características ainda vistos atualmente no gênero biográfico. A descrição detalhada da persona representada nos textos, com suas virtudes, defeitos, vícios e vontades. Lima (2012, p. 72) trabalha essa questão voltando a citar o texto de Albrecht para mencionar alguns procedimentos empregados na redação de tais obras: “The contrast between ethos and pathos, the classification of particular types of lives and characters, or the interplay, of natural bent and acquired virtue”.⁶ (2012, p. 475).

Definir o gênero biográfico é uma tarefa complexa, pois diversos autores trazem opiniões completamente diferentes. Um primeiro passo é reconhecer o gênero biográfico como uma produção híbrida, que se utiliza de características de diversas disciplinas científicas e de inúmeros outros discursos.

Tão importante quanto a própria definição estão as discussões acerca das biografias e autobiografias quanto a outros gêneros. Por ora, levaremos adiante os debates sobre o princípio historiográfico das biografias. Stadter (2007) debate a separação entre a história e a biografia. Segundo ele, o mais importante não é a definição dada aos textos e sim a facilidade de o leitor entendê-los.

The notion of a genre of biography separate from history is useful only insofar as it helps the reader to understand the nature of the work, but depends upon a pact between author and reader which is renegotiated in every work.⁷ (STADTER 2007, p. 528).

³ “Assim que nos voltamos para o quarto século [a.C.], a mudança é óbvia. Não precisamos mais explorar cantos remotos para encontrar evidências de interesse em biografia e autobiografia. Não precisamos mais perguntar por que os contemporâneos de grandes homens gregos estavam tão pouco interessados neles. A evidência para o interesse na biografia e na autobiografia torna-se abundante e permeia todos os aspectos da literatura.”

⁴ “A biografia e a autobiografia começaram por conta própria e se desenvolveram em linhas paralelas à história política: nunca foram submersas nela. A separação entre biografia e história (que significava história política) foi teorizada no período helenístico, mas já era uma realidade no quinto século.”

⁵ “Eles queriam informações sobre a educação, os casos de amor e o caráter de seus heróis.”

⁶ “O contraste entre ethos e patos, a classificação de tipos particulares de vidas e personagens, ou a interação, de virtude natural e adquirida.”

⁷ “A noção de um gênero de biografia separada da história é útil apenas na medida em que ajuda o leitor a entender a natureza do trabalho, mas depende de um pacto entre autor e leitor que é renegociado em cada obra.”

Lima (2012, p. 76) afirma que as biografias não podem ser iguais, ainda que devam apresentar características que remetam a semelhanças, o que não significa que os discursos irão "apresentar suas especificidades" a partir de cada personagem. Ela cita o professor italiano Gian Biagio Conte ao dizer que as escolhas tomadas pelos autores de biografias refletem os "contextos político-sociais ou mesmo tendências literárias de uma época." (2012, p. 76). É a partir desse raciocínio que entraremos no debate do volume de memórias (uma autobiografia de um período específico) que Primo Levi escreveu sobre seu tempo em um dos locais mais hediondos da história humana. Obra que auxilia a trazer uma reflexão acerca de escrita biográfica testemunhal ou memorialística.

3. É Isto um Homem?

Trabalhar a história e a definição dos textos biográficos nos leva a analisar também as biografias escritas por seus próprios personagens. Primo Levi conseguiu construir uma narrativa que prende desde a primeira palavra. Ele utilizou de artifícios da literatura moderna e da forma de descrever suas próprias lembranças. Partindo desse ponto, analisaremos sua obra mais importante, *É isto um homem?* publicado originalmente no ano de 1947, pela editora italiana *De Silva*.

A obra aborda o tempo em que o autor passou nos campos de extermínio alemães, durante a fatídica Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Primo Levi sobreviveu por 11 meses em Auschwitz, na Polônia, e conta os mais importantes momentos deste período no livro.

Para tanto, utiliza descrições detalhadas para levar o leitor a imergir naquele verdadeiro pesadelo, passando por análises psicológicas de si, quando discorre sobre a destruição do ser humano que presenciou neste tempo e da qual também foi vítima em determinado grau. O autor busca mostrar não somente os fatos que ocorreram e o sofrimento e a humilhação pelos quais ele e milhões de pessoas passaram, mas também descrever os processos pelo quais o homem pode e é desconstruído, utilizando a si próprio como exemplo. Primo Levi maneja as palavras para extrair da memória dolorida, lacunar, traumática a cartografia da destruição do seu próprio ser. Ele descreve os fatos que viveu com detalhes e os analisa, fazendo com que o leitor consiga entender as razões pelas quais certas decisões foram tomadas. Estas características foram pontuadas na obra de Momigliano (apud Lima, 2012). Para além de analisar os fatos, o autor dialoga consigo mesmo e exemplifica o que sentiu ao presenciar, ou fazer, alguma coisa. Por passar onze meses em um campo de extermínio, grande parte do texto aborda as transformações do personagem, a começar

por sua chegada a Auschwitz, quando ainda existia de sua parte uma certa “inocência” e desconhecimento ao novo mundo apresentado.

Compreendo que querem que cale a boca, mas essa palavra é nova para mim e, não conhecendo seu significado nem suas implicações, minha ansiedade aumenta. Aqui, a confusão das línguas é um elemento constante da nossa maneira de viver; a gente fica no meio de uma perpétua babel, na qual todos berram ordens e ameaças em línguas nunca antes ouvidas, e ai de quem não entende logo o sentido. (LEVI, 1988, p.36).

Com o tempo, ele começa a entender o funcionamento deste microcosmo que é o campo. Nesse aprendizado, o autor descreve o trabalho e as formas que encontrava para conseguir uma mínima dignidade humana. Em determinado momento, Primo Levi se considera um “veterano” do campo, observando os novatos e vendo-se neles, lembrando de si próprio em outro estágio de seu sofrimento. A partir de exemplos do dia-a-dia, ele consegue mostrar ao leitor como tudo funcionava e analisar a própria caminhada dentro daquele lugar, mostrando o que fez e pensou para se sobreviver.

Fischer, o recém-chegado, tira do bolso um pacotinho. embrulhado com essa meticulosidade dos húngaros; dentro há meia ração de pão: a metade do pão desta manhã. É sabido que só Os "números grandes" guardam no bolso seu pão: ninguém de nós, veteranos, está em condições de guardar o pão durante uma hora. (LEVI, 1988, p. 75).

A partir das descrições, a narrativa fica mais reveladora da intimidade do autor e o personagem (que é o próprio escritor) consegue demonstrar as sensações de cada episódio recordado e narrado. Com a exemplificação das sensações, ele parte para o interior de sua própria mente e, assim, analisa a desconstrução que testemunhou ocorrer consigo mesmo. Para ele, os alemães conseguiram destruir o ser humano, e todo esse processo é mostrado no texto. Levi diz que a humanidade só existe dentro de cada um de nós se formos livres e a liberdade não foi somente retirada dele: ele perdeu toda a dignidade que o tornou humano. Além desta perda, a forma como tudo isso aconteceu foi essencial para mostrar o que significou ser um prisioneiro em Auschwitz.

Fechem-se entre cercas de arame farpado milhares de indivíduos, diferentes quanto a idade, condição, origem, língua, cultura e hábitos, e ali submetam-nos a uma rotina constante, controlada, idêntica para todos e aquém de todas as necessidades; nenhum pesquisador poderia estabelecer um sistema mais rígido para verificar o que é congênito e o que é adquirido no comportamento do animal-homem frente à luta pela vida. (LEVI, 1988, p. 88)

Geralmente, o texto biográfico conta a história de uma pessoa, do nascimento à morte. No caso deste livro de Levi, somente uma pequena parte é relatada, mas que corresponde a um período

que intensas transformações ocorreram na vida do autor. O tempo decorrido no texto foi o mais importante de sua vida, em que a forma de ver o mundo mudou por completo e ele mesmo também. Isso é perceptível na construção – no caso, desconstrução – do personagem no decorrer do texto. Primo Levi aborda a si mesmo em meio a lembranças doloridas e isso marca sua forma de escrever.

O autor utiliza o que chamaremos aqui de narrativa de imersão, em que o universo apresentado no livro é tão intensamente descrito que dá a impressão de que esta é a única forma possível de fazer o leitor entender o personagem, identificar-se com ele, compreender o que se passou naquele passado que tantos tentam esquecer, mas que Primo Levi, acionando suas memórias mais difíceis, faz questão de lembrar. Temos de levar em consideração que o próprio universo narrado é ilustrado por esse personagem/autor, esse homem que revela tudo: medos, angústias, fraquezas, egoísmos. Em seu livro, a vida do narrador está sempre em jogo. Levi utiliza descrições detalhadas, faz devaneios mentais, expõe opiniões sobre fatos e o resgate de momentos que já se perdiam em um passado repleto de traumas. Mesmo tendo o conhecimento da sobrevivência do autor, sempre estamos à sombra da morte, aflitos com o seu destino e daqueles que estão em seu entorno, padecendo todo tipo de agruras, privações, torturas. O autor não permite que essa imagem nos deixe, fazendo o personagem contrair um caráter quase desumano, que vaga pelo ambiente como um zumbi, um fantasma, um ser que perde sua alma e abdica de sua existência.

Eis que pergunta cabe perfeitamente: *É isto um homem?* O título é adequado para um livro que busca na autoavaliação de uma vida que só resistiu à barbárie por vários acasos respostas sinceras, mesmo que não esperadas ou inconclusivas. Um trabalho, portanto, que não deve ser utilizado somente como um **memoir** ou um livro-denúncia sobre os fatos que ocorreram em Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial. Este livro é, acima de tudo, uma análise de até onde alcança a humanidade (ou a ausência dela) diante do indizível, em que se percebe com clareza a destruição da alma de uma pessoa, deformada em um curto, mas terrível período de tempo. Primo Levi é conciso com suas palavras, mas a abertura que demonstra em vasculhar o próprio passado, em trazer à tona suas lembranças mais dolorosas, articulando dessa maneira uma narrativa que não deixa o leitor descansar. *É isto um homem?* é uma obra forte sobre a força de destruição do ser humano para consigo próprio, e assim mostra uma faceta diferente da usualmente abordada neste tema tão marcante.

4. Considerações finais

Tanto a biografia quanto a autobiografia buscam contar uma história, descrever um personagem e discuti-lo com o leitor, mas a forma como se dá esta construção é a parte essencial de

suas diferenças. Quanto Foucault (2012) discute os sistemas de controle do discurso, um dos processos citados é o que o filósofo chama de "vontade da verdade", princípio que trata da pressão exercida pela sociedade e instituições que induzem o indivíduo a conhecer as verdades do discurso. No caso específico deste livro de Primo Levi (1988), não se busca contar uma verdade e sim discutir a realidade. A prioridade do autor é contar histórias que viveu e, mesmo assim, não afirma ser tudo verdade. Ele trabalha com o princípio de uma realidade, com sua forma de ver o mundo e as experiências que vivenciou. Primo Levi não afirma em nenhum momento que o que fala é a completa verdade e sim assume que suas memórias são o princípio ativo do discurso.

A personagem que Primo Levi erige e ao mesmo tempo encarna não visa um objetivo individualmente positivo e sim compõe uma narração que se presta a “desconstruir” um pretenso papel de vítima ou de arauto de uma causa nobre. Diferentemente dos textos autobiográficos mais tradicionais, Levi trabalha de uma forma descontinuada. Ele apresenta o personagem, sua realidade e seu mais provável caminho e destino – neste caso, a morte – e traça um percurso de desconstrução. O personagem perde características que o definiam como ser humano. Ele se torna um animal selvagem – e admite isso – que só procura alimento e abrigo, que não mais é o mesmo do início da narração.

No final de sua história, ou melhor, seu recorte, Primo Levi reencontra a partir da destruição, sua humanidade que parecia perdida, mas que jamais voltará a ser a mesma. Ele cria não só um personagem, mas vários. Os relatos biográficos estão fadados a contar uma história de formação, de um personagem delineado em contraste com um pano de fundo social e histórico, em interação com outras pessoas. Levi faz exatamente isso consigo mesmo, mas tomando outra trilha, desvendando-se da maneira mais difícil possível.

O tempo decorrido no texto foi o mais importante de sua vida, quando sua forma de ver o mundo mudou por completo e ele mesmo também. Isso é perceptível na construção – no caso, desconstrução – do personagem no decorrer do texto. Primo Levi aborda a si mesmo em meio a lembranças doloridas e isso marca sua forma de escrever. Tanto a biografia quanto a autobiografia buscam contar uma história, descrever um personagem nas suas entrelinhas e discuti-lo com o leitor, mas a forma como se dá esta construção é a parte essencial de suas diferenças.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: teoria do romance**. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2012.

LEVI, Primo. **É isto um Homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIMA, Danielle Chagas de. **Gênero biográfico e historiográfico na Roma Antiga: Os testemunhos das fontes e a obra de Suetônio e Tácito.** Campinas, SP: [s.n], 2012.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.

STADTER, P. **History and Biography.** In: MARINCOLA, J. (Org.). A companion to greek and roman historiography. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

BOAS, Sérgio Vilas. **Biografismo.** São Paulo: Unesp, 2008.